

“Que sejamos mais solidários e compreensivos”



Cássius Marcellus Chavante, motorista (distribuição e manutenção de contêineres para resíduos), na Urbam

“Normalmente chego ao trabalho por volta das 6h30, tomo um banho porque venho de bicicleta, e em seguida pego as demandas do dia. Faço um checklist de tudo o que vou precisar e saio para a atividade. Percebi que, nesse momento de isolamento social, tivemos uma valorização do serviço prestado junto aos municípios. Eles olham de forma diferente para nós, com isso notamos a importância do nosso serviço na vida de cada um. No futuro, terei orgulho de contar às gerações mais novas que fiz parte de um contingente de pessoas que vivenciaram a maior pandemia de todos os tempos e trabalhamos para o bem maior de todos os moradores.

Por ora, sinto falta das pessoas, de ficar mais próximo da minha família, de não poder abraçar minha mãe. Sinto falta de viver, do calor humano. É tão estranho não poder cumprimentar as pessoas pegando nas mãos ou abraçando como sempre fizemos. Tenho um parente que se contaminou com a Covid-19 e está muito mal no hospital. Isso me fez pensar o quanto a vida é frágil e pode ir embora como um sopro.

Espero que toda essa experiência sirva para que todos aprendam a valorizar ainda mais as pessoas de uma maneira geral, que sirva de lição para que no futuro possamos ser mais solidários, compreensivos e tenhamos mais compaixão pelo próximo e fé”.

“Que possamos seguir de mãos dadas”



Tatiana Pelegrini, atendente de funerária, da Urbam

“Trabalho em escala. Acordo às 5h e entro no serviço às 6h30, saio às 18h30. Minha principal dificuldade na pandemia foi organizar a rotina, até porque tenho dois filhos e eles estão ficando em casa. Sabíamos que haveria um aumento na demanda do setor, não conseguiríamos fazer um revezamento maior. Então me preparei psicologicamente.

Eu já sabia também que meu serviço é de extrema importância com ou sem a pandemia. Eu faço o primeiro atendimento à família assim que ela recebe a notícia do óbito. Ela chega até mim com o documento em mãos, então eu faço o registro, o agendamento do velório e sepultamento e esclareço tudo o que precisa ser feito.

A pandemia veio com força brutal. Mexe com a gente. Falar para a família que ela não vai ver o ente querido, não vai poder colocar a roupa que escolheu... É muito difícil. As pessoas já estão debilitadas por causa daquela perda. É preciso ter muita sensibilidade.

A gente faz o que pode, acolhe, da assistência emocional. Passar pelo sentimento de luto é muito difícil. Com o caixão lacrado é ainda pior. Mas essa é uma ação necessária, inclusive, para cuidar de quem ficou. Porque o risco de pegar a doença em um velório é muito grande.

Eu me sinto, sim, na linha de frente. Todos os dias atendemos pessoas que perderam seus familiares, que ficaram doentes junto com aquele que se foi. Toda essa situação me fez dar importância a pequenas coisas. Perdi meu avô, com 80 anos, não foi de Covid-19. E, é estranho, mas me senti ‘privilegiada’ de poder dar adeus a ele num breve velório.

Tenho visto pessoas se mobilizando para ajudarem umas às outras e eu espero que isso não acabe depois da pandemia. Que a gente consiga seguir de mãos dadas. Um apoiando o outro”.



A gente faz o que pode, acolhe, da assistência emocional. Passar pelo sentimento de luto é muito difícil. Com o caixão lacrado é ainda pior.”

Tatiana Pelegrini
Atendente de funerária